

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.013](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.013)

DIÁLOGO SOBRE A DOCÊNCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS: O ENCONTRO COM O PROFESSOR PEDRO AUGUSTO

Jairo Barduni Filho

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, jairobarduni-filho@gmail.com.

RESUMO

O presente capítulo é fruto da pesquisa *Homens na pedagogia: desafios, conflitos e tensões pela presença masculina no ensino de/com crianças*, aprovada no Edital 05/2020 do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq UEMG). Tal pesquisa é de natureza qualitativa, o que quer dizer, dentro das ciências humanas, que o objeto de estudo se relaciona com o trabalho com a linguagem. Nesse sentido, para a etapa aqui descrita, a observação e a entrevista foram os instrumentos de coleta dos dados com o professor Pedro Augusto, um docente que atua no Ensino Fundamental I. O objetivo dessa etapa da pesquisa foi conhecer de perto, por meio de narrativas coletadas com a entrevista, o cotidiano desse professor, entender sua trajetória enquanto docente de crianças, os limites, desafios e possíveis preconceitos presentes em sua atuação profissional. O capítulo apresenta a masculinidade em construção na relação com as professoras, com os pais das crianças e com as próprias crianças. Para a análise da entrevista, foi utilizado o aporte dos estudos de gêneros e das masculinidades. A presença de professores homens na educação de crianças ainda é tímida, apresentando vários desafios que envolvem a confiança dos pais e o preconceito/a discriminação no processo de contratação. O professor homem passa a ser a diferença, a minoria no universo naturalizado como feminino.

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.013](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.013)

DIÁLOGO SOBRE A DOCÊNCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS:
O ENCONTRO COM O PROFESSOR PEDRO AUGUSTO

É sabido, contudo, que, longe de ser considerada uma invasão, a presença de homens professores com crianças pode favorecer o equilíbrio de gênero, trazendo outros olhares para a questão da sexualidade na escola. Ademais, cabem a homens e mulheres os mesmos papéis no cuidado e na educação de crianças.

Palavras-chave: Docência masculina, infância, cotidiano escolar.

INTRODUÇÃO

“Não é contra os homens, mas contra o masculino que uma política feminista deve se erguer. E os próprios homens podem lutar contra os monstros gerados por seu gênero” (JABLONKA, 2021, p. 276).

A epígrafe acima veio “a calhar” para compor este capítulo, que é fruto da pesquisa *Homens na pedagogia: desafios, conflitos e tensões pela presença masculina no ensino de/com crianças*, aprovada no Edital 05/2020 do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq UEMG). A pesquisa representa a possibilidade de ir ao encontro das experiências vividas pelos homens docentes em espaços educativos, como creches, pré-escolas e escolas. Sujeitos que produzem experiências, saberes, estratégias, reflexões e aprendizagens diversas nesse processo de encontros e desencontros para a identidade docente.

Este capítulo, especificamente, apresenta um dos sujeitos¹ da pesquisa, no caso, um desobediente do gênero, ou seja, um homem que escolheu o magistério para trabalhar como docente de crianças pequenas. O magistério ainda é, portanto, um espaço com forte desequilíbrio de gênero, afinal, como aponta Jablonka (2021): “Para que o masculino não seja uma tomada de poder, ele precisa ser um espaço de debate, e mesmo de conflito, um dissenso - como a própria democracia” (p. 286). Logo, como pensar em discutir o masculino se a docência infantil continua sendo feminina, configurando, por vezes, um espaço de romantismo e fixação da mulher? Pensar em uma educação de homens justos é buscar também apoio dos homens na luta contra o patriarcado, contra a misoginia e pela igualdade dos sexos, e, também, apostar em uma educação feminista que seja feita por homens e mulheres em seus espaços de docência. Para Jablonka (2021): “Uma educação feminista não

1 Torna-se importante salientar que o professor em questão foi o único de três professores que trabalham na mesma escola a aceitar participar desta etapa da pesquisa. O convite foi levado pela diretora da instituição escolar para os demais docentes, porém, tendo como resposta apenas a de Pedro Augusto.

transforma os meninos em ‘mulherzinhas’, mas em companheiros confiáveis e respeitosos – em homens justos” (p. 350).

Com essas reflexões, parti para minha visita à Escola Estadual Melo Viana no município de Carangola/MG ao encontro do professor Pedro Augusto, de 59 anos de idade. Assim, no dia sete de junho de dois mil e vinte e dois, ele se dispôs a conversar comigo a respeito do tema da pesquisa. Pedro Augusto é aquele cara legal, ou seja, aquele homem justo que Jablonka (2021) descreve ao afirmar que “Hoje em dia, precisamos de homens igualitários, hostis ao patriarcalismo, que valorizem o respeito mais que o poder. Apenas homens, mas homens justos” (p. 13).

Certo de que era necessário escutá-lo em seu cotidiano escolar para tentar entender como a experiência de ser professor de crianças se conectava com as etapas anteriores e com o arcabouço teórico estudado, senti-me entusiasmado com a oportunidade de conhecer maiores detalhes na relação do professor com o tema e com o cotidiano escolar e pelo fato de poder acompanhá-lo, observando, em sala de aula, sua atuação com as crianças do ensino fundamental. Vale destacar que se tratou de uma observação participante, uma vez que eu também pude interagir e ajudar o professor em alguns momentos das observações, inclusive, com as crianças sabendo em sala que eu estava lá para, segundo elas, “*escrever um livro sobre o professor*” e, claro, também tendo podido realizar a técnica de entrevista dentro desse método de observação.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, ou seja, dentro das ciências humanas, o objeto de estudo relaciona-se com o trabalho com a linguagem e com os discursos. Parte-se de fontes históricas ou de narrativas na busca por descrições, analisando, ainda, o que existe de representações de si mesmo e do outro nelas, do micro e do macrosocial enquanto relações de poder. Nesse tipo de pesquisa, não se busca, portanto, o binômio do verdadeiro e do falso enquanto um olhar cartesiano/positivista com seu apreço por métodos de pesquisas que se aproximam com as ciências físicas e naturais.

A abordagem qualitativa tem, por outro lado, a sua fonte em dados descritivos cuja preocupação é com o processo, isto é, com o fazer da pesquisa na relação com os sujeitos da pesquisa e não com seu produto final.

A técnica da entrevista revela-se sempre como um instrumento de busca pelo outro, por aquele que habita um espaço estrangeiro e que nos dá pista de que tem algo a dizer e que espera nossa chegada para nos contar. Desse modo, as expectativas são criadas e as emoções instaladas. Segundo Ludke e André (2018):

(...) a relação que se cria é a de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural e autêntica (p. 39).

Assim, após dois anos de interrupção das aulas presenciais, eu pude finalmente ir a campo e entrevistar e observar um professor que trabalha com crianças e, dessa forma, conhecer a sua rotina, um pouco de seu cotidiano em sala de aula e o seu fazer docente. Também me utilizei, junto com a entrevista realizada, de observações do cotidiano de sala de aula. Ainda segundo Ludke e André (2018):

(..) a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens (p. 30).

Vale ressaltar que, além das vantagens que o método apresenta, estive ciente de suas desvantagens, como é o caso, por exemplo, de, possivelmente, interferir na rotina do professor e partir para uma interpretação pessoal. Apesar de considerar a realidade

parcial do fenômeno (neste caso, do cotidiano observado), ainda assim, creio ter sido a melhor opção metodológica para finalizar a pesquisa. Também reconheço que o tempo de observação não foi o suficiente para chegar a conclusões precisas, mas este não era o objetivo da pesquisa. A intenção é apresentar algumas reflexões sobre a docência masculina no cotidiano de sala de aula que pudessem compor a pesquisa em sua totalidade, trazendo a atuação docente de um dos sujeitos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi em uma tarde de sol fraco, aquele sol típico do mês de junho, que conheci o professor Pedro Augusto. Nessa tarde, comecei a visitar algumas escolas do município de Carangola/MG. Após passar por uma creche, um colégio particular e uma escola estadual, todos sem professores homens que atuassem no ensino fundamental, cheguei finalmente à Escola Estadual Melo Viana. A escola, localizada no coração da cidade de Carangola, possui a fachada tombada pelo patrimônio histórico municipal e uma arquitetura garbosa no estilo conhecido como bastardo, que indica uma mescla de influências em sua composição arquitetônica.

Foto 1 (Fachada da Escola Estadual Melo Viana – Carangola/MG).



Fonte: Foto cedida pela diretora da escola.

A escola traz dois blocos de salas de aulas paralelos e dispostos com seus corredores e dois pequenos pátios que se conectam à quadra de esporte que, no momento, está recebendo uma cobertura nova. Cantina, sala de artes e sala de informática estão localizadas mais ao fundo do pátio principal.

No primeiro contato com a escola, semanas antes de a entrevista ocorrer, fui informado pela Secretaria da instituição de que havia três professores atuando no Ensino Fundamental I. Como a Diretora não estava presente, porém, naquela semana, a secretaria orientou-me a enviar um e-mail, explicando o objetivo do projeto de pesquisa. Assim, cheguei em casa e logo enviei o projeto com o questionário para conhecimento da gestão escolar.

Aguardei durante todo o decorrer da semana, sabendo que a diretora estava afastada por problema de saúde. Na semana seguinte, retornei à escola e encontrei-me com a diretora Keila, que, gentilmente, me recebeu juntamente com a supervisora Malaine. A conversa ocorreu em clima de muita receptividade e fui embora com o combinado de que o projeto e o questionário iriam ser apresentados para os três professores, uma vez que, conforme me disse Keila, a escola tinha por norma consultar cada professor a respeito de seu interesse e de sua disponibilidade para participar de pesquisas.

Alguns dias se passaram e recebi o primeiro consentimento para voltar à escola. O professor Pedro Augusto, do quinto ano, aceitou me receber para conversar no horário da aula de Educação Física. O encontro ocorreu no dia sete de junho. Na data, fui recebido pela funcionária que abriu o portão, dali fui encaminhado para a sala da Diretora Keila, que estava em outro compromisso dentro da escola. Aguardei sentado em uma mesa e fiquei admirando os belos móveis antigos, dentre eles, um piano imponente localizado perto da porta de entrada.

Naquele momento, eu buscava ver, com todos os meus sentidos, aquilo que estava à minha volta, apurando o sentido da visão para tentar capturar todos os detalhes daquela sala cheia de lindos objetos antigos e memoriais.

Os belos objetos também capturaram meu olhar. De modo especial, um mimeógrafo me fez lembrar de minha primeira experiência como professor na Escola Castelinho Infantil. Na época, eu era professor de crianças do pré-escolar ao quarto ano na minha

cidade natal (Visconde do Rio Branco/MG), conhecido pelos alunos como o “tio” de inglês. Pensamentos nostálgicos e gostosos me vieram à memória diante daquele objeto memorial.

Foto 2 (sala da diretora).



Fonte: arquivo da pesquisa.

Foto 3 (Mimeógrafo).



Fonte: arquivo da pesquisa.

A supervisora Malaine chegou nesse momento e fui logo comentando sobre o saudosismo que o mimeógrafo me trazia. Isso bastou para nos conectarmos em nosso sentimento mútuo em uma conversa descontraída. Nesse momento, o professor Pedro chegou na sala, parou em frente a uma mesa, higienizou as mãos com álcool em gel, e, assim que me viu, veio em direção à mesa em que eu estava sentado. Ele trazia o questionário em mãos, o mesmo que havia respondido na primeira etapa da pesquisa.

Pedro Augusto é um professor e pedagogo, heterossexual, de 59 anos de idade, que atua em uma escola da Rede Pública de Ensino com crianças de nove anos de idade. Seu tempo de carreira é de 27 anos no Ensino Fundamental e de 27 anos na Educação Infantil. Atualmente, é aposentado como pedagogo. Sua formação foi pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola (FAFILE), que é a atual UEMG. O docente possui 26 anos de formação.

A entrevista semiestruturada² durou trinta e sete minutos e dezenove segundos. Comecei a entrevista querendo saber mais da experiência docente, quando havia começado e como foi.

Pedro Augusto: *Meu trabalho começou lá no berçário, aqui eu peguei crianças um pouco maior. Inicialmente, eu comecei com os bebês e tinha até aquela questão do banho e tudo. Na hora de dar o banho, como tinha as colegas, eu só ajudava na questão da alimentação. Higienização e banho eu já deixava com elas, até pelo fato de estarem mais habituadas.*

Jairo: Isso foi em uma creche do município?

Pedro Augusto: *Foi, eu iniciei no distrito de Lacerdinha. Aí eu trabalhei um bom tempo no berçário depois fui para o maternal com as crianças. Em relação aos bebês, os maiorzinhos tinham toda uma equipe específica. Na hora de trocar fralda, já tinha funcionárias específicas para isso. No berçário nos envolvemos mais, porque, às vezes, acontece de uma mesma hora 3 ou 4 bebês precisando ser trocados. Por uma questão de preservação, eu deixava com as professoras a troca de fraldas com as meninas, ninguém falava*

2 Para manter a fidedignidade da entrevista, mantive o discurso original, evidenciado nas respostas do professor Pedro Augusto, sem a realização de revisão textual, tendo em vista o risco de se modificar o seu sentido.

nada não, mas eu fazia quando elas estavam muito ocupadas, eu mesmo fazia com os meninos.

Jairo: Você percebia algum tipo de receio, medo, exclusão por parte de professoras sobre isso com você?

Pedro Augusto: *Não, não, a nossa equipe era tão boa que não percebia muito isso. Automaticamente, quando a criança precisava de ser trocada, eu mesmo avisava. A equipe era legal e nos entrosávamos muito bem.*

O professor Pedro Augusto parece relatar uma organização naturalizada nas instituições que cuidam da primeira infância. Em outras palavras, aparece em seu relato uma organização que, ao mesmo tempo em que afasta o homem do cuidado com a higienização, reforça o lugar da maternagem, reivindicando, assim, aquela função adquirida na família pelas mães e que acaba sendo estendida para o magistério. Esse cenário reflete uma profissão que tem gênero, nesse caso, o gênero feminino. Como aponta Louro (1997): "(...) instituições e práticas não somente 'fabricam' os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc." (p. 88).

Ou seja, qualquer que seja a instituição infantil, esta, certamente, é atravessada pelo gênero feminino, atuando em prol de uma identidade feminina da docência. Ainda segundo Louro (1997), quanto mais a infância foi se tornando alvo dos discursos científicos, mais a docência foi sendo direcionada para o público feminino, valendo-se, inclusive, das teorias psicológicas e pedagógicas que consideram "o afeto como fundamental, passam a considerar o 'amor' como parte do 'ambiente facilitador' da aprendizagem" (p. 98).

De qualquer modo, a narrativa do professor indica uma relação de negociação entre ele e a equipe de professoras. Devemos ressaltar, contudo, que se trata de um entrosamento entre os gêneros que não está isento de conflitos, afinal, podemos questionar: o que aconteceria se o professor exigisse também a sua função de troca e banho dos bebês?

Jairo: E aqui no Melo Viana, como é trabalhar com o quinto ano, como é o desafio, trabalhar com uma turminha mais crescida? Eles estranham, eles acham interessante, como é?

Pedro Augusto: *Essa experiência é não só daqui, mas também de quando trabalhava em Espera Feliz. Trabalhei no Benedito também e percebi isso lá e aqui no Melo Viana. O tabu. Eles vêm de uma corrente feminina e de repente essa*

corrente se rompe. Não são todos, mas, vez ou outra, um sente o baque. Mas professor? É um professor? De início era assim, daí eu chamei os pais e expus para eles o meu trabalho e, conversando junto com eles e as crianças, foi só questão dos três primeiros dias essa resistência, depois naturalizou. No final, ficaram meus amigos.

Jairo: É isso que eu ia te perguntar, sobre a questão de adaptação, quase um período comprobatório quando se trata de professores homens.

Pedro Augusto: *É a questão da aceitação. A visão que eles ainda tinham quanto à figura masculina é como se ela tivesse de ser assexualizada. Não pode ser aquela coisa escandalosa, tem de ser discreta. Mas por quê? Porque nós tivemos um colega que era homossexual afeminado, tivemos várias resistências sobre o trabalho dele. Nós tivemos inclusive uma mãe que manifestou que o tal professor não poderia ser professor da filha dela, porque como ficaria a cabeça da menina dela depois. Normalmente, profissionais assim são mais afetivos, gostam de se aconchegar, de contato físico e muitos pais veem isso como assédio e isso acaba respingando para nós também e isso impõe para nós uma barreira. E eu sempre tive essa dificuldade com as meninas, sempre pensei comigo, se eu for mais afetivo, receptivo, será que se alguém vê não vai pensar algo sobre mim, que eu estou assediando? Porque elas são muito espontâneas, elas abraçam, gostam de sentar nas pernas da gente. Essa questão de sentar na perna, isso foi, inclusive, passado muito para nós, sobre não deixar. Esse colega que eu disse tinha esse hábito de deixar as crianças sentar nas pernas dele. Ele sentava na cadeira e as crianças vinham naquele momento de descontração e alguns pais começavam a visualizar isso e a colocar maldade nesse tipo de comportamento dele e isso*

gerou grandes dificuldades. Ele é do tipo que não liga, não esquenta, pode dizer o que quiser que ele não esquenta.

Eu enfrentei essa situação sendo homem como um recado indireto para mim, agora, diretamente eu nunca tive. Não é que não deixava de acontecer, de vez em quando, eu era surpreendido com uma criança que vinha brincando e se aconchegava, principalmente menina que é mais afetiva, e eu ia ali contornando a situação, mas sem constranger a criança, sempre de um jeito para a criança não se sentir excluída.

Jairo: Não pode tolher também a criança, né?

Pedro Augusto: *Exatamente!*

Pedro Augusto: *Até você convencer a criança que ela não está sendo excluída, causa um trauma.*

A fala de Pedro Augusto me remeteu à pesquisa de Ramos (2017), que, ao entrevistar professores homens que atuam na educação infantil na cidade de Belo Horizonte/MG, observou, em sua investigação, o período comprobatório que estes passam nas instituições. Segundo o autor:

Ao chegarem às instituições de educação infantil, os professores homens não permaneceram incólumes às relações existentes nos espaços em que irão, a partir daí, exercer a atividade docente. Por mais que, em alguns casos, a adaptação desses sujeitos começa em um período breve de tempo, nota-se, nas diferentes entrevistas e nos vários grupos de discussão realizados, que esses professores precisam oferecer provas de idoneidade, competência, habilidade e, especialmente, de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças. Dessa forma, eles vivenciam uma espécie de período comprobatório antes de serem, efetivamente, aceitos como integrantes das equipes de profissionais que cuidam de crianças pequenas e as educam (p. 70).

Nesse sentido, esse crivo de vigilância parece ser naturalizado nas instituições de educação infantil, uma vez que homens são observados, vigiados e convencidos a fazer tarefas distantes da higienização e dos cuidados corporais. Enquanto as mulheres têm, cada vez mais, assumido funções que antes eram do campo

masculino na esfera do trabalho, em instituições de educação infantil, parece haver ainda uma clara definição de papéis em relação às demandas com as crianças, tendo em vista que atividades que remetem ao cuidado e à maternagem ainda permanecem como prioridade das mulheres nesses espaços profissionais.

Ao pensar na relação docência-masculinidade-cuidado e infância, é difícil não refletir sobre o que socialmente é denominado como “coisas de homem” ou de quais modos um “homem de verdade” deve se portar perante a sociedade. Esses pensamentos são construídos na medida em que segundo Jablonka (2021): “As sociedades atribuem a cada sexo um código de conduta, misto de direitos e deveres, que chamamos de gênero” (p. 26). Ou seja, o lugar do homem se constrói na infância com as brincadeiras de carrinho, de lutinha, de aventura, passando por uma adolescência de exaltação da virilidade e culminando, na vida adulta, com uma profissão dita “viril”, isto é, aquela que se distancia do cuidado, da maternagem e da afetividade. Uma profissão que, certamente, não se aproxima da docência masculina nos espaços infantis.

Jairo: E da parte das crianças, você percebe preconceito? Algo que a criança escuta, vê na televisão ou escuta da família e traz para sala de aula?

Pedro Augusto: *Não, tranquilo, costuma ter uma resistência a respeito desse universo feminino e masculino apenas nos primeiros dias, depois a resistência é quebrada e as coisas se tornam normais. Não tem assim nada externo que interfere na convivência, talvez um ou outro que apresenta uma resistência, mas a própria família se adapta.*

Jairo: E aqui na escola, convivência com professoras e gestoras? Como foi a acolhida?

Pedro Augusto: *Foi boa, até porque, no meu caso e de alguns outros colegas, nós começamos aqui como estagiários na escola. No meu caso, eu fiz o meu primário na escola e depois retornei para fazer estágio e depois para algumas aulas particulares e depois vim como profissional.*

Jairo: Então você é cria da casa? Já conhece a escola desde criança?

Pedro Augusto: *Rs, sim!*

Jairo: E os outros professores homens, também tiveram essa trajetória?

Pedro Augusto: *Eles não têm esse histórico, que eu me lembro não.*

Jairo: Você fez Pedagogia?

Pedro Augusto: *Fiz!*

Jairo: E o que te motivou a fazer o curso?

Pedro Augusto: *O trabalho com crianças. Sempre me chamou a atenção, sempre gostei. Embora não seja um trabalho fácil, é bem delicado, e é que nem eu falo, eu não pego salas de alfabetização, porque, além de ser muito sério, tem que ter dom pra aquilo ali. É dali que parte todo o caminhar da criança, e esse dom para alfabetizar eu não tenho. Eu sei trabalhar com crianças maiores, eu sei conduzir bem, mas essa parte de alfabetização não. Não é a dificuldade que eu encontrava na creche, a creche, por ser mais infantil e lúdica, era mais tranquilo. Mas, quando se trata de fundamental I e até II, aí é mais complicado para mim.*

Jairo: Qual é a diferença entre trabalhar em creche e escola no que diz respeito a essa característica peculiar de ser um professor homem trabalhando nesses espaços?

Pedro Augusto: *A meu ver não!*

Jairo: Talvez então o que você falou, a questão do afeto, cuidado e higienização!

Pedro Augusto: *Isso, por estar enraizado nas famílias, respingando no espaço escolar, é algo que as escolas assimilam em respeito às famílias também, dando respaldo para que a escola tenha a clientela. Se houver um ambiente que não dê esse respaldo, automaticamente, a família não vai abraçar esse ambiente, a família vai buscar outra escola que atenda os anseios dela.*

O professor nos fala a respeito de sua experiência de ter estudado na escola. Sua prévia atuação como estagiário expõe novamente a confiança enquanto um elemento que facilita a entrada, a aceitação dos pais e a permanência do docente na escola, de maneira que o período “comprobatório” fica mais fácil. Pedro Augusto também nos fala da aliança que algumas famílias e escolas fazem de modo implícito ou explícito, assegurando um

ambiente seguro para que o filho(a) permaneça na escola, o que deixa transparecer certa desconfiança no papel dos homens docentes no cuidado com as crianças. Portanto, a exigência do cargo de professor na educação infantil parece possuir uma dispensa especial dos pais e da escola para o não exercício de algumas funções pelos homens.

Jairo: Na sua creche, quando você trabalhava aqui no município, tinha mais algum homem ou só você?

Pedro Augusto: *Só eu!*

Jairo: Você tinha conhecimento de mais outros homens trabalhando em outras creches?

Pedro Augusto: *Eu vou até fazer a correção, porque eu trabalhei em várias creches, a princípio na creche que eu trabalhava era só eu, depois veio outro colega.*

Aí, quando esse colega veio, é que aconteceu certa rejeição, pelo fato do comportamento dele ser mais aflorado. Ele deixava transparecer mesmo, eu acho que ele não soube conciliar o profissional com pessoal. E então, ele misturava isso dentro do ambiente, e as famílias não aceitaram de bom grado, algumas até ameaçaram a tirar as crianças da creche por causa disso. Foi uma situação muito delicada e por ele não ser uma pessoa assim não muito fácil de aceitar a opinião.

Eu mesmo particularmente, porque eu já era pedagogo e eu não tinha esse tipo de conversa com ele, eu achei que seria uma conversa constrangedora e que também caberia à direção da creche estudar uma forma melhor de conduzir a coisa. Por parte da direção não houve e eu não quis me envolver também. Até porque nós trabalhávamos em turnos diferentes.

O professor Pedro Augusto, ao me contar sobre esse colega de trabalho, sobre seu comportamento (segundo o professor, “aflorado”), e, ao mesmo tempo, afrontoso em relação às regras e às convenções morais, me faz pensar que a agressividade e a homossexualidade parecem ser as masculinidades ameaçadoras em espaços infantis aos olhos de algumas famílias acostumadas com o feminino à frente de salas de aula infantis. Algumas famílias, assim, se veem ameaçadas por um professor que carrega consigo uma

sexualidade ameaçadora. Como diz Foucault (2010), “A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime de aliança” (p. 119).

Com isso, explica-se a reivindicação, a partir do século XVIII, de que é, no ceio da família, que devem ocorrer as manifestações vinculadas ao afeto e aos sentimentos de amor, e, conseqüentemente, a pedagogia e a medicina tornaram-se, desse modo, as ciências que, fora da família, deram o suporte para normalizar as sexualidades e identificar os perigos, mantendo-as dentro do sistema de aliança.

Jairo: E a questão de educação sexual, tudo que estamos conversando aqui, como a escola tradicionalmente não é uma instituição que visa a acolher normalmente a diversidade e temas como esse, como você enxerga a questão da Educação sexual? Talvez, se houvesse essa discussão sendo feita, mais rapazes se interessariam em fazer pedagogia.

Pedro Augusto: *A educação historicamente, desde o período colonial, traz muito enraizada a questão do maternal. Quando ela passa para o aspecto do paternal, as famílias precisam ser melhor esclarecidas sobre a atuação desse profissional, até pelo fato de que a resistência parece não ser da escola, mas da família. A comunidade escolar parece ser mais fácil de lidar do que a familiar. É o que eu disse, com medo de perder, não ficar distante e de evasão, acaba que a escola segue a linha familiar. Infelizmente, vivemos em uma sociedade capitalista, e a escola vive do dinheiro do governo, e uma das exigências governamentais é o número de alunos e, se a escola perde aluno, ela perde verba. Se ela vai de encontro com a família, ela perde aluno e perde verba. É uma situação complexa e perversa.*

Se, por um lado, o professor Pedro Augusto tem razão em mencionar a aliança necessária entre família-escola, por outro, a aliança não deve reforçar preconceitos, estereótipos nem estranhamentos com a figura masculina à frente de uma sala de aula de crianças. Uma das funções da escola é justamente o desenvolvimento integral

do sujeito, sem que barreiras de ordem religiosas, ideológicas e morais impeçam o trabalho integral no âmbito escolar. Segundo Furlani (2011):

Podemos dizer que a “função social da escola” é tornar-se significativa para a vida das pessoas. Traduz-se essa “função” no “desenvolvimento integral” da criança, na contribuição para a vida de uma “cidadania plena”, no “minimizar as desigualdades e promover a inclusão social”, ou ainda, “democratizar o conhecimento”. Independentemente desse ou daquele paradigma pedagógico e político, a inclusão nos currículos escolares da educação sexual me parece óbvia, necessária, desejosa e coerente com uma escola útil à formação integral de crianças e jovens e à sociedade” (p. 65).

Nesse sentido, a fala do professor Pedro Augusto apresenta uma situação de resistência e estranhamento familiar que chancela o não trabalho com a educação sexual na escola, ou, pelo menos, cria uma dificuldade de se abordar o assunto. Há uma clara necessidade de comunicação para o trabalho com a educação sexual, saindo de uma abordagem com o manto do tradicional moralismo, daquela abordagem que julga ser da competência da família tratar desse assunto, muitas das vezes, reforçando o preconceito sobre o assunto.

Segundo Furlani (2011): “a crítica mais contundente a esse tipo de educação sexual é o da privação da informação – pela censura que assume” (p. 18). Ou seja, não se pode discutir o assunto, nem com crianças, nem com adolescentes. Temos também a abordagem religiosa radical que se utiliza da bíblia e de suas interpretações literais para determinar as representações acerca da sexualidade tida como “normal”. Ambas as abordagens parecem ser comuns na relação entre família e escola, e isso é reforçado pelos dizeres do professor.

Afirmações como “educação sexual estimula o estudante a querer transar” e “não se pode trabalhar com educação sexual sem que a família permita” são frases comuns no cotidiano escolar e que trazem forte conotação moral e religiosa, que reafirmam um pressuposto de que a educação sexual deve ser realizada

primordialmente pela família. Esse mesmo discurso, segundo Louro (1997), costuma trazer para a sala de aula, ao menos para aquelas que realizam algum programa de educação ou orientação sexual, dualismos como “saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante), heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico/nocivo etc.” (p. 133).

Jairo: A exigência governamental de não perder alunos parece encontrar respaldo nas instituições escolares imbuídas de uma moralidade e medo de se falar de sexo, sexualidade etc.

Pedro Augusto: *Indiscriminadamente, ela faz uma seleção desse profissional onde ela cria uma certa barreira e essa é uma outra experiência que eu posso te contar. Certa vez, eu fiz um concurso para secretaria e eu fui disputar uma vaga e, da primeira vez, eu não consegui e eu não entendi o porquê. Arrumaram uma forma que eu não consegui pegar a vaga e, da outra vez que eu fui novamente, eu consegui, mas eu consegui até por uma questão divino providencial, porque se fosse por uma questão humana eu não teria conseguido novamente, e isso depois foi relevado por uma colega minha. E por quê? Porque eu era do sexo masculino e, na escola, só trabalhavam pessoas do sexo feminino, não tinha ninguém do sexo masculino. Aí a diretora tentou fazer com que eu não conseguisse pegar a vaga, mas, como meus papéis estavam todos certinhos e como as candidatas não tinham uma determinada habilitação que eu tinha, ela não teve como sair fora, não teve como me barrar, ela teve que me engolir!*

Jairo: Pois é, isso aparece até nas teorias, quando estamos lendo sobre a presença masculina na educação infantil. Isso já foi identificado, seleção tendenciosa para impedir que homens trabalhem com crianças pequenas.

Pedro Augusto: *Essa manobra!*

Pedro Augusto: *Eu passei por isso, mas a coisa é tão bem organizada, tão bem orquestrada que, se você não tiver alguém que te conte depois, você nem fica sabendo. Mas, depois que eu já estava lá dentro, uma colega que gosta muito de mim me disse depois assim: “Vem cá Pedro, você sabia que você quase não entrou*

aqui para trabalhar?”. Eu: “é?”. Ela disse: “é, pelo fato de você ser homem, fulana de tal não queria que você viesse, só que dessa vez ela não teve como fazer nada contra você, teve de te aceitar”.

Pedro Augusto: *Só que, depois com o tempo passado e eu trabalhando na escola, ela até virou minha amiga, inclusive ela é minha vizinha de bairro. Ai já passou me aceitar e graças a Deus consegui fazer um trabalho legal, mas, como era contrato, eu tive de sair e entrou uma concursada, mas tem, infelizmente, tem essas manobras. É outra questão de resistência que enfrentamos, mas é camuflada, assim como eu passei outros certamente passaram, só que não souberam e talvez ainda passem.*

Creio que este foi um dos pontos altos da conversa com o professor Pedro Augusto. Contar sobre a manobra que poderia tê-lo impedido de trabalhar não é algo raro na vida do homem que busca a docência infantil como carreira profissional. Enquanto professor, pedagogo e pesquisador, não são raros os relatos de estudantes, contando que, em seus estágios, já ouviram conversas sobre esse tipo de manobra, ou seja, tudo indica que a prática não seja rara de acontecer e que acontece nos bastidores das escolas e dos processos de contratação.

A pesquisa de Ramos (2017) aponta para esse rearranjo nas creches com o intuito de que homens ocupem determinadas funções nesse espaço, preferencialmente trabalhando em locais mais abertos e com crianças maiores e menos indefesas. Além disso, também foram constatadas as diferenças comportamentais no tom de voz. De acordo com um dos professores entrevistados pelo pesquisador, parecia existir, por parte de algumas professoras, um desejo de feminilizá-lo dentro da instituição.

Nas relações ocorridas no campo da educação infantil, os homens - minoria no espaço institucional - tornaram-se, de acordo com os relatos dos professores entrevistados, os oprimidos e quem deveriam se adequar a esse espaço predominantemente ocupado por mulheres - se possível, assemelhando-se a elas (p. 111).

Portanto, o que o professor Pedro Augusto aponta não pode ser pensado apenas como um caso isolado. Tais rearranjos podem ser mais comuns do que imaginamos.

Jairo: E sua família quando você escolheu ser professor estranhou?

Pedro Augusto: *Não, não, não teve estranhamento. Na época, a minha mãe ainda estava viva, ela veio a falecer um dia depois da minha formatura, mas era uma pessoa simples, de formação simples. Eu sou órfão de pai desde pequenino e tenho um irmão, mas meu irmão não estava no momento com a gente. Ele teve de ser transferido para outra cidade por questão de acidente e minha mãe convivia com todo mundo. Não tinha essa coisa de separação, tanto que ela tinha pessoas homoafetivas na convivência com ela.*

A narrativa coletada neste encontro com o professor Pedro Augusto, que se disponibilizou a conversar sobre o lugar da docência masculina com crianças, seus limites e desafios, não foi evasiva do ponto de vista da construção identitária da docência. O professor aponta, primeiramente, a necessidade de discutir sobre a tensa relação com os pais no dito estágio comprobatório, um momento melindroso que envolve a distância dos homens no cuidado do corpo infantil. Além disso, o docente destaca que o arranjo de funções talvez seja naturalizado pelos próprios professores.

O encontro também serviu para reforçar o pânico moral sobre a pedofilia. Trata-se de uma dificuldade em aceitar outra masculinidade que não a heterossexual ou quem sabe, até o homossexual, contando que este seja discreto. Talvez, o medo da homossexualidade aflorada, enquanto um marcador da identidade docente, seja um dos motivos de professores sofrerem estratégias veladas que visam a impedi-los de ingressar nos espaços escolares hegemonicamente femininos.

A SALA DE AULA, OS REGISTROS E A PERSPECTIVA DO OBSERVADOR

Nos dias 4, 5 e 21 de julho, voltei à escola para acompanhar *in loco* um pouco da rotina do professor Pedro Augusto. A sala

estava organizada em fileiras. Sentado no fundo, pude observar, no primeiro dia, o professor trabalhando a acentuação de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas na aula de português. Na aula expositiva dialogada, o professor estimulava as crianças a responderem as questões apresentadas e elas prontamente iam se apresentando, com as mãozinhas levantadas, ávidas para serem escolhidas pelo professor Pedro Augusto para responderem o que foi perguntado.

A sala de aula do professor Pedro Augusto contava com uma professora de apoio para ajudar com um estudante portador de autismo leve. A professora também ajudava, em outros momentos, uma criança com um atraso na alfabetização. A sala de aula, com seu pé direito alto, apresentava um clima de tranquilidade e concentração. Muito bem decorada com imagens, murais, objetos pedagógicos, armários decorados e estantes de livros, a sala deixava de ser apenas um espaço de aula para se tornar um ambiente pedagógico. Aquele espaço é ocupado na parte da manhã pelo professor Pedro Augusto com o quinto ano e, na parte da tarde, por outra professora que trabalha com o terceiro ano.

Fotos 4 e 5 (A sala de aula e seus detalhes).



Fonte: arquivo da pesquisa.

Durante as observações, fui confirmando o que o professor havia relatado na entrevista: sua facilidade em conduzir o ensino. Tal facilidade provavelmente advém de sua longa experiência escolar. O docente é daqueles professores que raramente se estressa ou grita em sala de aula. Sua voz sempre calma ajuda a trazer equilíbrio para o ambiente de sala de aula, caracterizado por muitas

mãos levantadas dizendo: “Tio!”, “Tio!”. Tal comportamento ajuda a desmistificar a ideia do senso comum de que homens não podem cuidar de crianças, que homens são rudes e agressivos por natureza, características do reino masculino da dominação.

Na pesquisa de Ramos (2017), os pais entendem que a presença de homens na educação escolar de crianças é algo deslocado. E, embora a pesquisa realizada na Escola Melo Viana na cidade de Carangola/MG não tenha tido nenhuma etapa de coleta com os pais das crianças do “tio” Pedro Augusto, não é raro que tal estranheza exista aos olhos dos pais e da sociedade em geral. O sujeito deslocado é o sujeito do não lugar. Como se a docência de crianças fosse o não lugar do homem tão associado com a figura da masculinidade hegemônica que Jablonka (2021) aponta como sendo: “aquele que domina a ordem de gênero, legitimando o patriarcado no topo do governo, dos exércitos, das empresas, e subordinando as outras masculinidades” (p. 83). E o autor ainda afirma que: “os papéis sexuais se tornaram inamovíveis: homens de armas, cirurgiões, cientistas e mulheres do lar, da casa, mães preparando comida ou cuidando dos filhos. Esse é o mundo que herdamos” (p. 49).

No primeiro dia de observações, havia 16 crianças em sala de aula. Após a aula de português, o professor Pedro Augusto iniciou a aula de Ensino Religioso e, na ocasião, apresentou de modo muito interessante uma reportagem exibida no programa Fantástico da Rede Globo no dia 3 de julho sobre intolerância religiosa. O professor distribuiu, em seguida, o texto “Ser negro é maravilhoso”, de Esmeralda Ortiz, publicado na Folhinha (suplemento infantil do jornal Folha de São Paulo), para ser lido em sala, o qual abordava também a temática da intolerância religiosa. O professor teve total adesão das crianças com o uso desse recurso didático.

No dia 5, o professor Pedro Augusto iniciou suas aulas trabalhando matemática. A aula transcorreu bem. No intervalo, tive a oportunidade de conversar mais com o professor, que seguiu comigo em direção à cantina. Ele queria me mostrar o espaço. Lá lanchamos juntamente com a professora de apoio. As minhas observações, neste momento, estavam conectadas com meus sentidos olfativo e gustativo – oportunidade de sociabilizar com cantineiras e funcionárias da limpeza. Também pude frequentar a sala das

professoras, um ambiente sempre muito interessante, de outros encontros, outras conversas, outros acontecimentos e experiências. Lá pude conhecer professoras eventuais, de apoio, efetivas, contratadas, umas mais falantes, outras mais sérias, mas todas gentis, oferecendo-me para tomar café junto delas e, naquele espaço de encontro, também encontrei dois estagiários da UEMG.

Foto 6 (Professor Pedro Augusto em sala de aula).



Fonte: arquivo da pesquisa.

Foi neste dia que, ao falar com uma das professoras sobre Educação Sexual nas escolas, enquanto um dos meus interesses de estudo, pude ouvir o quão delicado é o assunto para as professoras. Uma delas me disse apoiar a presença da Educação Sexual na escola, contudo, ela entende ser importante comunicar a família para evitar situações de confusão, que possam levar à má interpretação por parte da família. No mesmo dia, uma professora me contou de crianças de 10 anos que relatam estar namorando e que ela enxerga com muita preocupação a situação. A professora afirma que busca intervir, explicando e orientando sobre as implicações de um relacionamento precoce.

No dia 21, último dia de observações, o clima era de muita animação com a confraternização de final de semestre. Nos primeiros horários, o professor Pedro Augusto trabalhou conteúdos de

ciências com as crianças com sua didática dialógica de perguntas e exercícios no livro escolar da disciplina.

Após a aula, a mesa do professor foi transformada em um banquete, com lanches enviados pelos familiares, de modo que havia bastante refrigerante, bolo, pipoca, bolinho de chuva, entre outras guloseimas. Em determinado momento, Pedro Augusto faz uma pergunta e pede para as meninas levantarem a mão. Nesse momento, um dos meninos levanta a mão, e o fato desencadeia uma série de zoações com frases como: “A gente já desconfiava!”, “A gente te aceita, viu!”, “A gente te respeita, tá!”. A partir disso, outras falas sobre sexualidade começaram a surgir. Resolvi, então, servir o refrigerante ao menino alvo das frases e disse: “Não se chateia não! O que é que está acontecendo?”. Prontamente, os meninos começaram a falar: “É só brincadeira, tio!”. Ou seja, as observações me trouxeram, nesse dia, a dimensão da sala de aula imersa em uma complexidade de situações que estão claramente entrelaçadas com o contexto sociocultural envolvendo sexualidades. As cabecinhas infantis fervilhando e apresentando as sexualidades no atravessamento de brincadeiras que trazem discursos aprendidos em grupos de convivência e que orientam o pensamento delas e suas ações.

No mais, a diversão continuou *com as crianças* falando de assuntos diversos, como da comida gostosa, da exposição agropecuária que se aproximava e da ansiedade para comer batatas e churros nessa festa. De vez em quando, um perguntava: “Quem trouxe esse bolo?”, “Quem trouxe esse bolinho de chuva?”. Todos com expressão de satisfação com aquele momento. Eu observava o clima de festa controlada que se instalou, enquanto ajudava a limpar o chão e a descartar pratinhos vazios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de método e técnica de coleta me fez ter a certeza da relevância da pesquisa realizada, não só pelas singulares narrativas do docente Pedro Augusto, mas também pela necessidade de evidenciar a importância da Educação Sexual no âmbito escolar. Afinal, o sexo está na escola, nas brincadeiras de namoricos, nas zoações entre as crianças sobre homossexualidades, nos apelidos, entre outros comportamentos reproduzidos. Nesse

sentido, é preciso enxergar nisso uma oportunidade para problematizar preconceitos, *bullying* homofóbico e, até mesmo, promover a prevenção contra abusos e gravidez precoce. Logo, minha breve passagem pela escola trouxe-me a certeza de que outros projetos de pesquisa e de extensão são pertinentes para ajudar a escola no trabalho com os temas aqui levantados.

Entendo que propostas didáticas que visem a trabalhar os temas apresentados nesta pesquisa de modo lúdico, preventivo e sem moralismos ou de cunho estritamente biologicista podem trazer uma oportunidade de parceria não só com a escola do professor Pedro Augusto, mas também com outras escolas que, porventura, venham a se abrir para a parceria entre Universidade e demais escolas do município.

Finalizo com o meu desejo de que as escolas busquem problematizar mais as questões de gênero e sexualidades em seu cotidiano, que normalizem, cada vez menos, a dicotomia de gênero que exclui a possibilidade de trazer para a vivência das crianças a aceitação das diferenças. Que os cursos de Pedagogia, em especial da UEMG-Carangola, tenham, cada vez mais, o ingresso de estudantes homens e, conseqüentemente, que as escolas da cidade e da região possam contar com um maior equilíbrio de gênero em seu corpo docente, pois, como aponta Silva (2011):

Não se trata de uma invasão de espaço, mas de uma atuação que pode ser vista como colisão entre formas diversas de se cuidar e educar, em que o local de trabalho seja de convívio com as diferenças entre o cuidar/educar das professoras e dos professores (p. 118).

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

JABLONKA, Ivan. **Do patriarcado às novas masculinidades**. Tradução: Julia da Rosa Simões. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª ed [reimpr]. Rio de Janeiro: E.P.U, 2018.

RAMOS, Joaquim. **Gênero na Educação Infantil**. Relações (Im)possíveis para professores homens. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Peterson Rigato da. A presença masculina na educação infantil: diversidade e identidades. *In*: DE FARIA, Ana Lúcia Goulart; FINCO, Daniela (orgs). **Sociologia da infância no Brasil**. 1ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2011. p. 105-118.